

CAP-FABEL

Alunos:

Ana Carolina S.Dutra
Emanuel Rocha
Pedro Paulo Campos
Ronan Fernandes
Thaís Guimarães

Trabalho de Produção de Texto

Professora: Andreia Gama

Análise de “O fio e as miçangas”

Mia Couto, ao escrever, apresenta-nos uma situação na qual, Jmc encontra no banco seu refúgio. Em meio a solidão, o tempo passa despercebido, ou talvez nem passe para o sujeito ali sentado, embora as horas avancem normalmente. Sendo ele um desconhecido para si mesmo, embarcamos num conto onde a misteriosidade do mesmo e suas histórias, são o foco, fazendo com que reflitamos sobre perspectivas de solidão, amparo e amores e trabalhando, inclusive, com todas juntas.

Ao chegar próximo de Jmc, o eu lírico, saúda-o respeitosamente, senta-se ao seu lado e começam uma conversa, onde aparentemente, este já tivera contato com o homem. Assim, quebra a solidão daquele cuja moradia era o banco do jardim.

Vale destacar a maneira como o autor faz uma alusão ao tempo para Jmc. Ao dizer que o ontem é mais distante que as coisas antigas, percebe-se uma imersão profunda ao seu passado, onde o mesmo tem mais significado que experiências mais recentes. Outro ponto inerente ao conto é em questão de sua perspectiva de vida para com a idade, na qual mesmo não sendo velho, sua vida lhe dera muitas velhices. Estas estão vinculadas ao acúmulo de ações decorrentes aos seus dias e a carga emocional que as mesmas carregam.

Aos poucos, começa a ser revelado as confidências daquele homem, sendo lembradas pelo eu lírico. Um fato surpreendente é evidenciado ao dizer que Jmc era casado, porém ardia de paixão por infinitas mulheres. No momento em que ele compara a vida como um colar, enquanto o mesmo dava o fio e as mulheres davam as miçangas, podemos perceber que para este indivíduo, não se trata apenas de relações afetivas e sim uma questão de enriquecimento de sua vida. Algo que, deve ser sentido e apreciado e que não deve-se passar em branco.

Ao ter relações com outras mulheres, dirigia-se a casa de sua mãe contar os fatos. A mesma o advertia, mandando-o tomar um banho, pois sua mulher não precisava sentir o perfume de outras. Passava a esponja e depois o enxugava. No conto, esta passagem é bastante peculiar, revela todo o afago de mãe para com seu filho, além de retomar a questão do decorrer do tempo. Neste momento, nota-se uma transição sutil em relação ao estado de espírito de Jmc. Ou seja, enquanto na primeira circunstância, o tempo não importa muito, neste ele o aprecia devido à presença de sua mãe, que o aconchega. Para ele, este é o ápice. O motivo de todos os feitos.

Mesmo advertindo seu filho, a senhora o incentiva a continuar buscando as mulheres e as amando. Outro ponto que merece destaque é a indagação se seu pai era ou não fiel. Assim a mãe responde que mesmo leal, não poderia ter sido fiel, pois nunca soube amar ninguém. Com esta parte, explica-se o porque da mãe apoiar seu filho em sua busca por novas experiências. Ela não queria que o mesmo ficasse que nem o pai.

A partir daí, o eu lírico volta a intervir no enredo e pergunta a Jmc se continua a visitar as mulheres, pois já não enxergava naquele homem, um mulherengo. Depois de um longo silêncio, Jmc finalmente responde dizendo “Nunca mais. Nunca mais visitei nenhuma mulher [...] é que sabe? Minha mãe morreu...”. Com isso, põe-se ainda mais em evidencia de que todas as mulheres visitadas por ele, eram por sua mãe. Para assim que as deixassem, ir para a casa dela e ter todo o carinho e conforto proporcionado pela mesma.

E de repente surge a esposa de Jmc, que ao retirá-lo do banco, o eu lírico dá-se conta de que está sozinho. Ao deparar-se com a solidão do eu lírico, podemos enxergar, basicamente, de duas maneiras: a solidão no sentido literal, pois havia ficado sem ninguém ao seu lado no banco; e também na questão mais figurada, onde sua solidão rompe a barreira daquela cena e o atinge em seu íntimo, no qual ele poderia ter percebido, ao ouvir a história de Jmc, que não tinha conseguido amar alguém, ou nem mesmo ter uma figura que o amparasse.